

Doc: 11111111
Revista: JIB (domingo)
Data: 2/8/98 1,22-28
Class: 779 IX

JORNAL DO BRASIL

Não pode ser vendida separadamente

Ano 23 - Nº 1.161 - 2 de agosto de 1998

DOMINGO

O grande adeus

Em memória de Cláudio e Álvaro Villas Bôas, 1.100 índios se reuniram no Alto Xingu para o maior Quarup já realizado em homenagem a um branco





Programão de índio

Xingu celebra brancos que fizeram a história da reserva



POR ANTONIO XIMENES (AJB), DO ALTO XINGU (MT)
FOTOS DE HÉLVIO ROMERO

Numa sexta-feira, véspera do Quarup, o ritual de homenagem aos mortos, começaram a chegar na aldeia Kamayurá do cacique Tacumã as nações indígenas convidadas. A primeira foi a do povo Yawalapiti, seguida dos Waurás e dos Awetí. No sábado, primeiro dia da cerimônia, o círculo ficou completo com as tribos Meynako, Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nafukuá e Trumay. A presença de mais de 1.100 índios acampados iluminou a noite com fogueiras, criando um espetáculo de luzes e vozes. Maynapú, guerreiro Yawalapiti, lembrava que o Quarup é o ponto alto da integração entre os povos da região. “Os mortos devem ser lembrados e chorados com respeito, mas depois da dor vem a alegria do

huka-huka, espécie de luta livre. Não conheci Cláudio e Álvaro Villas Bôas, mas meu pai sempre nos falava da importância deles, de tudo o que fizeram para que nossas terras fossem demarcadas e os fazendeiros não entrassem nelas.” Darcy Ribeiro e Marechal Rondon, entre outros, também já foram homenageados com o mais importante ritual em reverência aos mortos do Alto Xingu. Mas nada se compara ao Quarup para os irmãos Villas Bôas e o guerreiro Mariká, que terminou domingo e foi o maior já realizado para homens brancos.

Há mais de 400 anos vivendo às margens da Lagoa do Ipavu, o povo de Tacumã é hoje uma comunidade de 300 pessoas distribuídas em 15 malocas. Na aldeia que seria o palco do Quarup inédito, o cacique quis saber como foi a morte de Cláudio. Depois de ouvir o depoimento de um homem branco sobre o velório e o sepultamento do sertanista – e que na ocasião, em março deste ano,

O QUE É O QUARUP?

O Quarup é uma cerimônia em homenagem aos mortos. Para a sua realização corta-se um ou mais toros, que passam a representar as pessoas que estão sendo lembradas, em geral caciques, pajés, grandes guerreiros ou pessoas de suma importância para a comunidade. Os troncos são fincados no centro da aldeia, pintados e ornamentados com penas, fitas, colares, fios de algodão, braçadeiras, entre outros enfeites típicos. Dois cantadores da aldeia anfitriã ou de nações convidadas se revezam na cantoria para os mortos. Há choros de lamentação e dança de guerreiros. À noite, são acendidas fogueiras na frente dos troncos que devem ser mantidas acesas até o raiar do sol. Depois da cerimônia, os toros são jogados na água ou na mata. Assim, os espíritos dos homenageados podem subir para a aldeia das estrelas em paz.

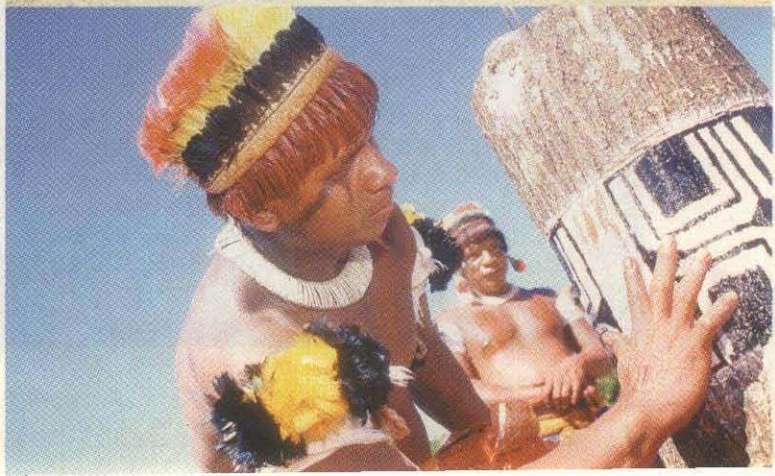




Encerrando o Quarup, o huka-huka, espécie de luta livre entre os guerreiros das várias tribos, que terminou empatado. Antes, os lutadores carregaram e enfeitaram os troncos que representam os homenageados e foram pintados com urucum

não havia nenhum índio no cemitério –, Tacumã fechou os olhos, entristecido: “Eu já sabia. O Cláudio morreu na cidade, mas o espírito dele veio para cá, por isso decidimos fazer o Quarup, para que ele descanse em paz na aldeia das estrelas.” Anfitrião refinado, Tacumã mostrou ao narrador da morte do amigo os troncos cortados e que seriam fincados no centro da aldeia, para a realização do Quarup. “Os toros de Cláudio e Álvaro são da mesma grossura, mas o de Cláudio vai ficar no centro, por ele ter ficado mais tempo entre nós. O do guerreiro Mariká é mais fino em respeito aos irmãos, mas não significa menor poder, todos são iguais para nós”, observou.

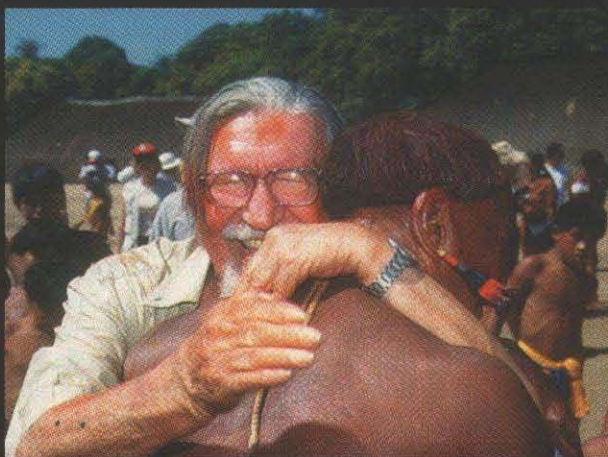
A viagem. Para chegar ao Alto Xingu, uma comitiva de três homens brancos e 18 índios teve que descer o Rio Kuluene por 33 horas num velho rebocador. Foram tempos de aula sobre a natureza e o respeito às tradições indígenas. “O rio, a floresta e os animais são nossos professores, neles vivem os espíritos que orientam nossos caminhos”, ensinava Álvaro, jovem guerreiro Kamayurá. Ao longo da viagem, lendas, ariranhas, jaburus, jacarés, peixes, aldeias e crianças. Quem desce o Kuluene acompanhado dos filhos do Xingu não esquece da imponência silenciosa das águas, da brancura das praias, do nascer e do pôr-do-sol e do som dos animais. “Aqui ninguém manda em ninguém e todos obedecem às tradições e à natureza”, diz Aulahu, guerreiro Waurá.





QUEM SÃO OS VILLAS BÔAS?

Orlando Villas Bôas (foto), 84 anos, nasceu em 1914, em Santa Cruz do Rio Pardo (SP). Cláudio Villas Bôas nasceu em 1916, em Botucatu (SP) e morreu em março de 1998 em São Paulo. Leonardo Villas Bôas nasceu em Botucatu, em 1918, e morreu em São Paulo em 1961. Todos se notabilizaram por serem os primeiros a manter contato com as tribos do Alto, Médio e Baixo Xingu a partir dos anos 40, quando foi criada a expedição Roncador-Xingu, para explorar terras e rios do Brasil Central. Orlando e Cláudio moraram 32 anos com os índios do Xingu. Já Álvaro Villas Bôas, o mais jovem, nasceu em 1924, em São Paulo, e morreu em Bauru (SP), em 96. Sua atuação foi mais discreta do que a dos irmãos, mas teve como mérito uma rápida e combativa gestão na presidência da Funai (Fundação Nacional do Índio), no início do governo Sarney, em 1984.

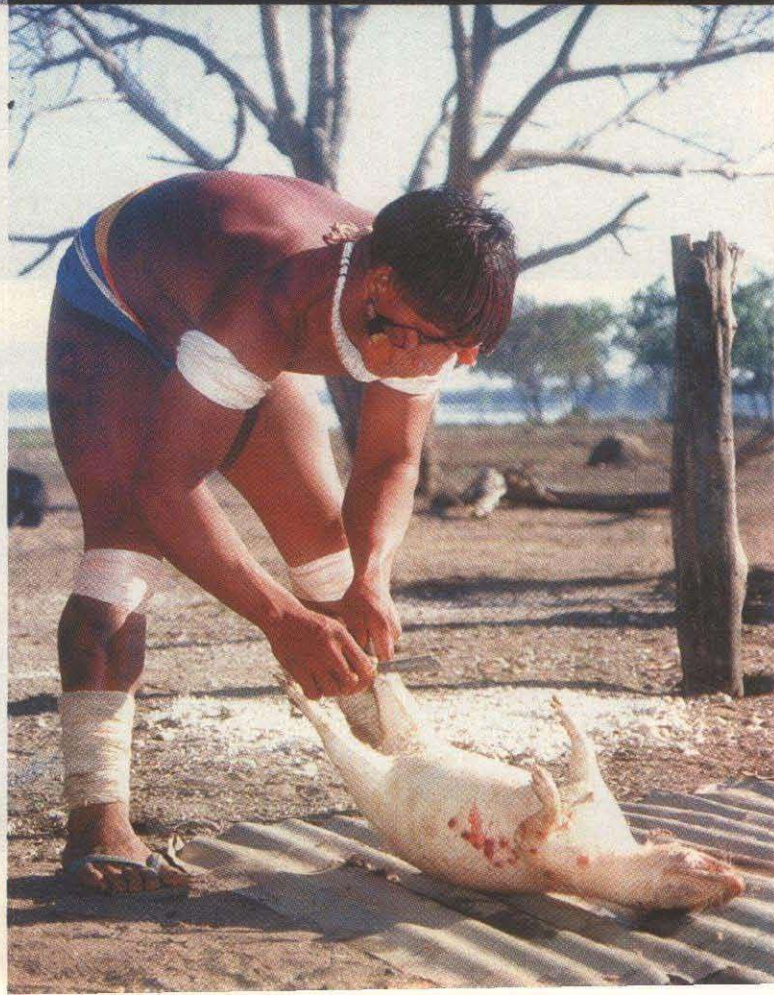


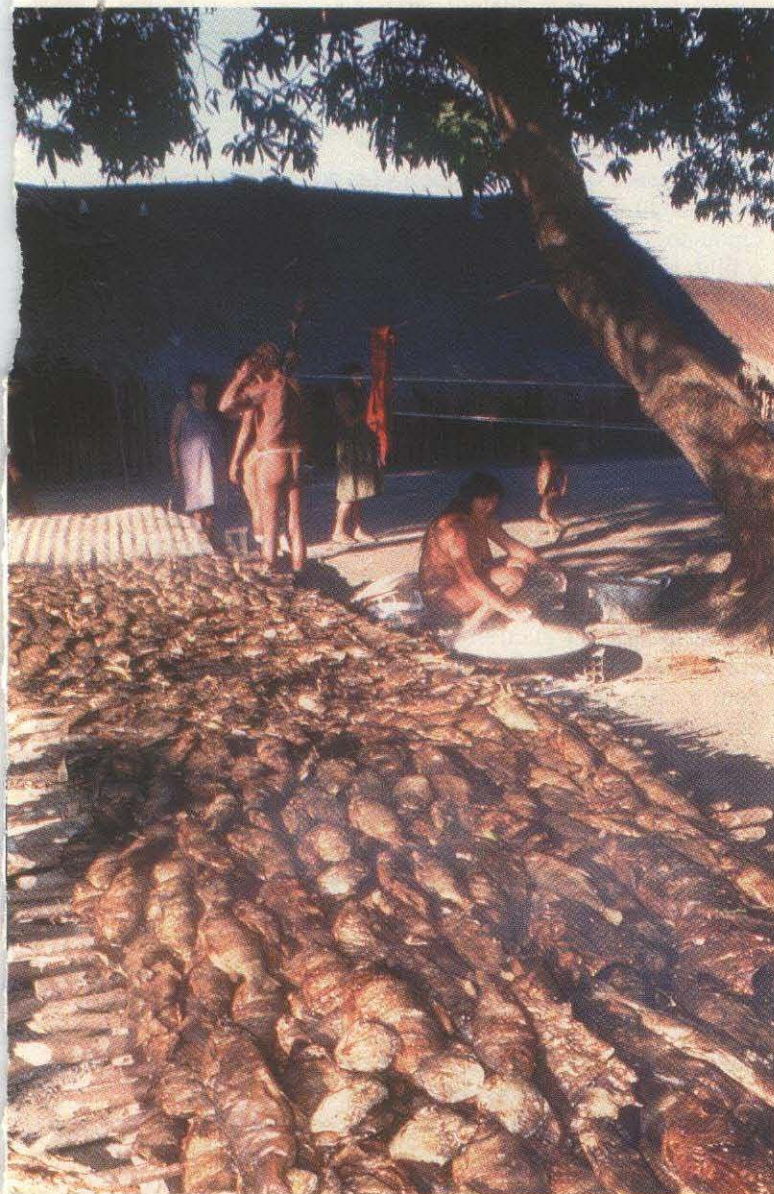


A aldeia Kamayurá, às margens da Lagoa do Ipavu (acima). Para alimentar mais de 1.250 convidados – 150 brancos –, foram assados 1 mil peixes num jirau de 15 metros mantido aceso por três dias. Beiju, mandioca, paca (abaixo) e arroz fechavam o cardápio

Depois de dois acidentes – o madeiramento entre a balsa e o rebocador quebrou duas vezes –, três encalhes em bancos de areia e um acampamento na floresta, a comitiva chegou à aldeia Yawalapiti, no Rio Tuatuari. Foi recebida no centro da aldeia pelo grande cacique Aritana, uma das mais respeitadas lideranças do Alto Xingu. Amigo de Orlando Villas Bôas há mais de 40 anos, Aritana desejou boas vindas e prometeu estar com seu povo no Quarup na aldeia Kamayurá, cujo cacique é seu tio Tacumã. E assim foi. No sábado, lá estavam nove tribos de diferentes nações formando um círculo ao redor da aldeia Kamayurá, anfitriã da festa. O cacique Tacumã ordenou que as tribos com maiores afinidades com os Kamayurás armassem seus acampamentos próximo à sua maloca. Desta forma, a aldeia Yawalapiti, de Aritana, e os Waurás, do guerreiro Aulahu, ataram suas redes e acenderam suas fogueiras à esquerda e à direita, respectivamente, da residência do líder do Quarup.

Emoção. O ritual do Quarup emocionou a família Villas Bôas, especialmente Orlando, último dos pioneiros do Parque Xingu. O sertanista não visitava a reserva desde 1984 e o reencontro com os amigos de mais de 30 anos levaram às lágrimas o octogenário desbravador do Brasil Central. “Eu não podia deixar de estar presente no adeus aos meus irmãos, mas sinto meu coração apertado pela ausência deles. Cláudio e Álvaro eram mais jovens





do que eu, não deveriam ter morrido antes de mim”, lamentava, abraçado aos filhos Orlando Filho e Noel.

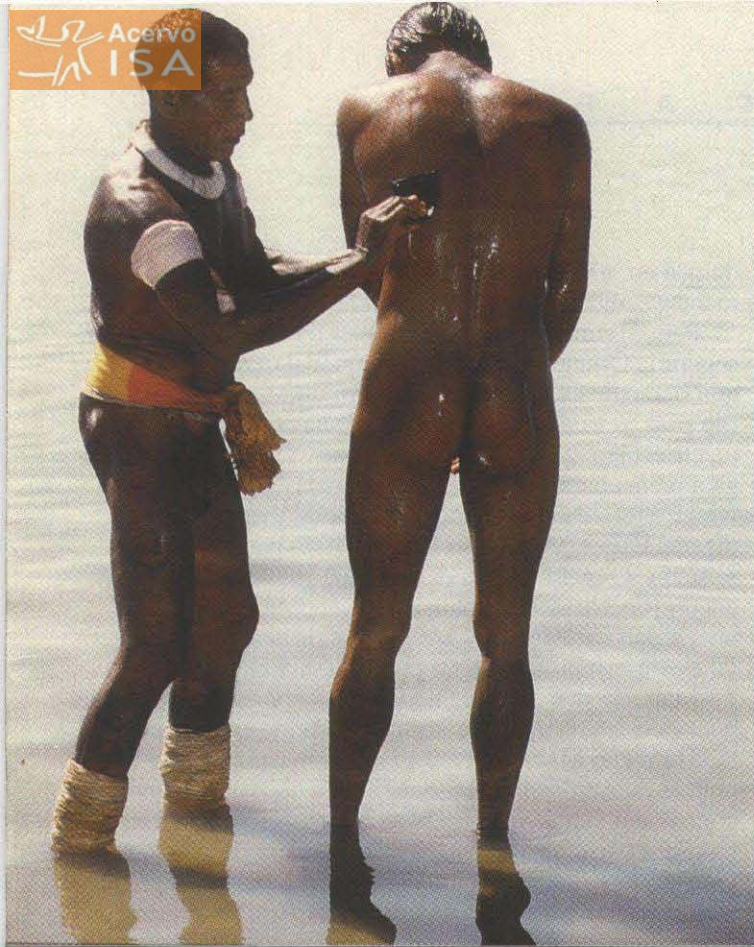
Para Marina Villas Bôas, mulher do sertanista, nada seguraria Orlando em São Paulo, onde moram. “Depois que o Tacumã e o Aritana disseram que fariam o Quarp para os irmãos dele, aumentou sua ansiedade. Agora, ele está mais tranqüilo.” Nem tanto. Orlando não nega a preocupação com o futuro daquelas terras. “O Alto Xingu é referência mundial de preservação da cultura indígena. É necessário haver mais recursos para manter esse status. O maior perigo para os rios que formam a Bacia do Rio Xingu é a poluição na cabeceira dos afluentes. Se não for evitada a agressão aos mananciais, o Xingu estará comprometido no próximo milênio”, alerta.

Mais do que uma coincidência, a homenagem ao guerreiro Mariká mexeu com a memória de Orlando. “Certa vez, o Mariká salvou a mim e ao Cláudio. Era de noite e estávamos pescando na Lagoa do Ipavu quando começou a entrar água no barco. A escuridão nos confundiu e não tínhamos noção da distância da margem. Quando tudo parecia perdido surgiu Mariká, com uma tocha indicando o caminho de volta.” Agora, na frente de Orlando, lá estavam novamente, lado a lado, Cláudio e Mariká, representados pelos troncos no centro da aldeia. “O Cláudio era minha outra metade. Morrendo ele, fico sem um pedaço do meu coração. Mas amanhã também morrerei. Os povos do Xingu é que não podem morrer”, diz o senhor de cabelos brancos. E continua: “Meus irmãos morreram acreditando que o Brasil não faria com seus índios o que os EUA fizeram com os deles.” A luta dos Villas Bôas tem reconhecimento internacional. “Dizem que nossos nomes – eu e Cláudio – podem ser indicados para o Nobel da Paz. Se isso acontecer, o mérito é dos índios, que mais nos ensinaram do que nós a eles.”

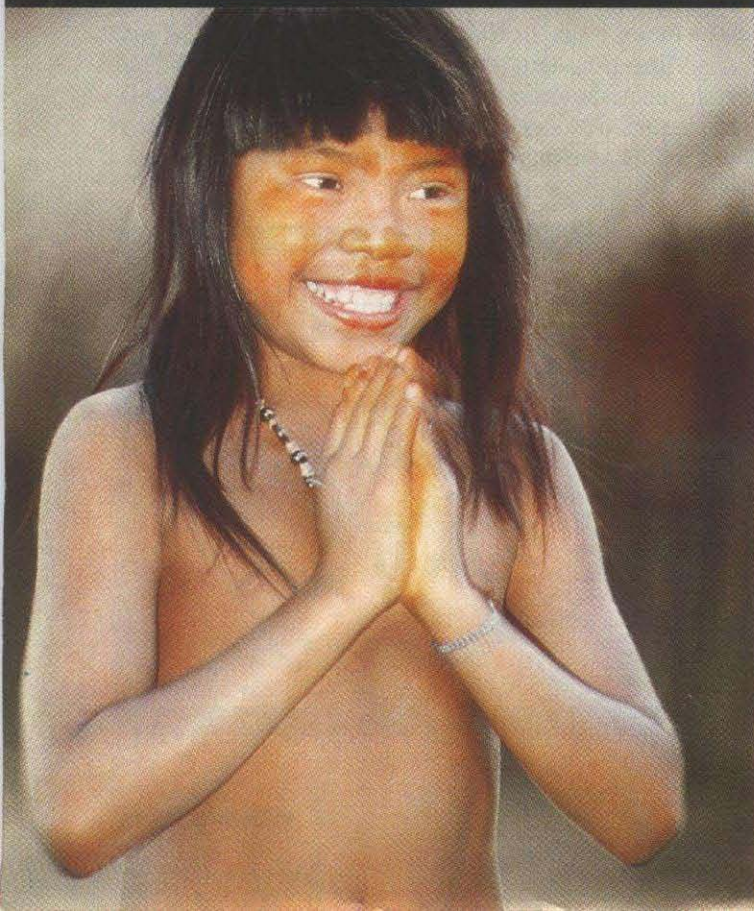
O QUE É O XINGU?

Criado em 1961, o Parque Nacional Indígena do Xingu abrange uma área de mais de 2,3 milhões de hectares e está localizado no norte do Mato Grosso, numa região de transição entre o Planalto Central e a Amazônia. Em suas terras vivem 17 nações indígenas, localizadas em mais de 30 aldeias. Sua geografia é cortada por rios que formam a Bacia do Rio Xingu, o maior da região. Estima-se que hoje existam cerca de 4 mil índios na área. É administrado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e está sob a responsabilidade direta do Ministério da Justiça.





O cacique e pajé Sucuri raspa o corpo de um guerreiro com uma concha com dentes de piranha, abrindo caminho para que os espíritos o fortaleçam antes da luta, o huka-huka. Abaixo, uma pequena índia da tribo Kamayurá, os anfitriões do Quarup



Engana-se quem pensa que a saga dos Villas Bôas no Alto Xingu esteja acabando. O cacique Tacumã se antecipou aos outros chefes das nações indígenas e convidou o filho mais jovem de Orlando, Noel, para morar na reserva e continuar o trabalho do pai e do tio. “Os espíritos me apontaram o nome dele como o sucessor do Orlando e do Cláudio”, profetizou o pajé. “O Noel e o Villinha são minha esperança sanguínea para manter viva a memória dos Villas Bôas. Eu gostaria que o Noel ficasse aqui, mas cabe a ele decidir”, diz Orlando. Noel, 23 anos, estudante de Filosofia na PUC paulista e de Linguística na USP, diz que é muita responsabilidade e ainda é cedo para assumir o compromisso, mas não deserta o desafio. “Papai e titio foram e são únicos. Não pretendo imitá-los, mas aproveitar seus ensinamentos.”

Seriedade. O guerreiro Kamayurá Aywupu morou com Orlando Villas Bôas por 10 anos no Xingu. Feliz com a visita do amigo, não sorria. “O Quarup não me deixa dar risada. A lembrança do Cláudio é mais forte do que a alegria de ver meu pai branco.” Para Aywupu, a morte de Cláudio despertou um sentimento estranho no seu povo. “Queremos que o Orlando seja enterrado no Xingu. Vou pedir aos espíritos para que ele viva muitos anos, mas a gente não quer ficar longe dele.” A seriedade de Aywupu contrastava com a alegria do jovem Pegrati. Aos 15 anos, o guerreiro Meynako não escondia ter ido ao Quarup também para namorar. “Depois de um ano as virgens estão sendo soltas da reclusão e eu não poderia perder esta oportunidade. As kamayurás são muito bonitas. Quem sabe não me caso com uma?”

Já o vaqueiro João Abreu Luz, 62 anos, mantém o ar contemplativo. Um dos raros brancos com total acesso ao Alto Xingu, é bem conhecido pelos índios. Quando menino, foi raptado pela tribo Caiapó, com quem viveu por mais de 10 anos, até que Orlando Villas Bôas soube de sua existência e o levou de volta aos familiares. Depois de mais de 35 anos entre os brancos, João voltou para o Alto Xingu, onde cuida de vacas que abastecem as aldeias. “Aqui se vive melhor. Os brancos só pensam em dinheiro. Voltei para os meus amigos.”

Entre eles o cacique/pajé Sucuri, da aldeia no Morená, um lugar sagrado dos povos do Xingu. Sucuri foi convocado como um dos personagens centrais do cerimonial. Pai de três moças com paralisia degenerativa, caso raro no Alto Xingu, seu sofrimento é visto como exemplo de provação junto aos grandes espíritos. Coube a Sucuri fazer a raspagem (flagelação nos braços, pernas, costas e ombros) nos guerreiros Kamayurás que lutaram o huka-huka. “Eu não poderia faltar. De todos os homens brancos, Cláudio e Orlando foram os que melhor entenderam nossa gente. Mavutsinim (primeiro homem na Terra para os povos do Alto Xingu e o maior herói mitológico) deve ter ficado feliz com o Quarup.” ■